

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO NA MÍDIA

Juliana Arini Fontenelle¹

Resumo

O artigo busca compreender como o conceito de desenvolvimento é descrito nas reportagens que abordam o projeto e a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. O foco dessa investigação é contribuir para tecer sentidos sobre qual seria a definição para esse ideal de desenvolvimento embutido dos projetos das grandes obras.

Palavras-chave: comunicação, jornalismo, reportagem, hidrelétrica de Belo Monte e desenvolvimento.

Introdução

Do Rio de Janeiro, a capital do Brasil, para Buenos Aires, a maior cidade moderna da República Argentina, em uma viagem de sete dias. As linhas de Trem Farquhar esta quase pronta para oferecer esse transporte entre as captais, que pode levar até quatro dias. Mas isso é só uma parte, e pequena parte, da nova mudança....Sr. Farquhar, operando de Paris, está controlando um grupo de novas linhas que vão abrir caminho para atravessar do Atlântico para o Pacífico....As conexões ainda estão sendo construídas, mas estarão prontas para formar um império de estradas de ferro que vão carregar os viajantes das planícies da costa leste atravessando os Andes...(New York Times: Two New Yorkers Try to Harrimazine South America, Nova York, 22/09/1912)

A descrição feita pelo jornal marca a inauguração da primeira grande obra de infraestrutura do Amazônia: a estrada de Ferro Madeira-Mamoré, erguida em Rondônia, na fronteira com a Bolívia. Inaugurada em 1912, depois de anos de atraso e milhares de morte de seus trabalhadores por doenças tropicais, como malária, e com um custo de 1,2 bilhões de dólares, a estrada construída pelo engenheiro americano Percival Farquhar nunca conheceu o

¹ Juliana Arini Fontenelle é mestranda de Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero

apogeu prometido. A linha acabou desativada por falta de uso em 1972. O que resta hoje da Madeira-Mamoré está abandonado, ou foi encoberto pela floresta.

Nem as mortes, nem as perdas financeiras causadas pela estrada de ferro Madeira-Mamoré são retratadas na matéria do jornal New York Times, que data da inauguração da linha. O jornal foca apenas na luta do engenheiro Faquhar por levar a civilização e o desenvolvimento para as porções ainda não exploradas do mundo. Um ação recheada de símbolos de conexão com os ideias contemporâneos de civilização e modernidade. Transformar as paisagens e empreender grandes obras seria uma das principais características do homem civilizado.

Reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens, por lhes tronarem a terra proveitosa, por protegerem-nos contra a violência das forças da natureza, e assim por diante. Em relação aos aspectos da civilização, dificilmente pode haver qualquer dúvida. Se remontarmos suficientemente às origens, descobriremos que os primeiros atos de civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle do fogo sobressai como uma realização extraordinária e sem precedentes, ao passo que os outros desbravaram caminhos que o homem desde então passou a seguir, e cujo estímulo pode ser facilmente percebido. (Freud, 1997, p.17).

O foco desse artigo é fazer uma investigação sobre o conceito, e os fundamentos, desse ideal de desenvolvimento propagado na imprensa sempre que uma grande obra de infraestrutura é proposta em regiões como a Amazônia. O objeto dessa análise é outro grande, e polêmico, projeto proposto para ser construído no coração da Amazônia: a hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, no Pará.

A ideia é analisar as reportagens das principais revista nacionais de informação que cobrem a proposta do projeto desde sua primeira divulgação, em 1989, até o ano de 2011 - início de sua construção.

A reportagem de revista foram escolhidas com foco dessa análise por seu caráter de profundidade na abordagem das narrativas e multiplicidade de vozes. Características que permitem mergulhar na história e extrair desta elementos mais significativos de como se

constrói a narrativa sobre a hidrelétrica de Belo Monte. A reportagem seria também a forma de narrativa que mais promove um encontro com o outro.

O diálogo de mútua revelação educador-educando se constrói no corpo a corpo; a comunhão poética artista-fruidor se faz na leitura; se faz na leitura; a comunicação entre os diferente se processa por meio das mediações jornalísticas. Em todas essas situações, há o encontro dos afetos: só quando e está afeto a ocorre o ato educativo, o ato poético ou o ato comunicacional que, por sua vez, se traduz na sala de aula na obra de arte ou nas narrativas da contemporaneidade (MEDINA, 2008).

Serão analisadas as revistas semanais nacionais Carta Capital, Época, Isto é e Veja que compreendem um universo de dois milhões de leitores semanais em todo o Brasil. O período do estudo envolve 29 reportagens publicadas entre o 1989, ano de lançamento do projeto e 2011, início da construção da obra.

A usina e a modernidade tardia na Amazônia

Se transformar a natureza é uma das marcas da civilização e da modernidade. (Freud, 1997), a primeira questão a ser analisada é quais papéis exercem os protagonistas das reportagens sobre a hidrelétrica de Belo Monte.

Compreender as definições de modernidade sua ligação direta com o jornalismo, herdeiro do pensamento científico e cartesiano, pode ser um caminho para lançar luzes nessa busca (MEDINA, 2008). A razão científica moderna que analisa, classifica e protege o controle do homem sobre a natureza, pode nos dar algumas pistas sobre com o funciona o olhar das revistas sobre a construção de uma grande obra de infraestrutura. “A sociedade moderna era conquistadora, crente no futuro, na ciência e na técnica; instituiu-se em ruptura com as hierarquias de sangue e a soberania sacralizada, com as tradições e os particularismos em nome do universal, da razão, da revolução”. (LIPOVETSKY, 2003)

Nas primeiras reportagens sobre a hidrelétrica, publicadas na revista Isto é e Veja (das quatro, as duas únicas que já circulavam no período), ambas de março de 1989, podemos notar desde o primeiro parágrafo a existência de uma dualidade entre os atores. Em ambas reportagens há uma facção entre índios e ecologistas (como chamavam os ambientalistas na

época), e o governo. Este último, representado por um engenheiro, homem da ciência e representante do governo federal para defender o projeto.

“Embora a alternativa hidrelétrica também provoque impactos ambientais negativos, eles podem ser em sua maioria atenuados no decorrer do período de implantação e operação da usina”, afirma o engenheiro José Antônio Muniz Lopes, diretor de planejamento da Eletronorte. Foi com ideias deste gênero, compreensíveis para o cargo que ocupa, que Muniz Lopes protagonizou a cena mais explosiva do encontro do povos indígena. (Veja, 1989, p.59-60).

As matérias abordam o ato da índia Tuíra, que ameaçou com um facão o engenheiro Muniz Lopes, mas não apresentam os detalhes técnicos sobre a obra, nem sequer citam quais seriam esse possíveis impactos levantados pelo engenheiro. No caso o que há é uma demonstração sobre quem estava contra e quem estava a favor da hidrelétrica, apresentada desde então como a solução para os problemas energéticos e econômicos do país. E nesse caso, os que contestam a construção de Belo Monte são classificados como inimigos do desenvolvimento ou pessoas manipuladas por interesses estrangeiros de dominar as riquezas naturais do Brasil.

Entre facas afiadas, índios protestando, fazendeiros da UDR, o que brotou com força em Altamira foi o esforço internacional para proteger a Amazônia. Desde que a proposta de conversão da dívida externa em investimentos ambientais na selva vingou, as tribos dos defensores da natureza que falam português com sotaque ganharam contornos mais nítidos. (Veja, 1989, p.61).

Gritando incompreensíveis frases em Caiapó – não precisamos de energia, vocês querem tomar a terra do índio, não interessa o progresso -, Tuíra investiu com um terçado, o facão longo utilizado na roça, contra Muniz Lopes. Por diversas vezes, sempre aplaudida por mais de 1 000 pessoas presentes ao Ginásio da Prefeitura de Altamira – sede do encontro -, a índia encostou o facão com o gume afiado no rosto e no pescoço do lívido diretor da Eletronorte, que, atônito, não saiu do lugar. (VEJA, p. 59)

Cidadãos de bom senso perguntarão: é possível ser contra o progresso? Absurdo é tomar posição contra o desenvolvimento, é brandir facões contra a engenharia da Eletronorte e vaiar democratas do porte de Fernando César Resta ver o que se entende por progresso, desenvolvimento, civilização. Já bastaria reparar nestes pobres índios acorados aos pés

8^o interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

da tribuna de Altamira, e ainda explorados ali mesmo por muitos entre seus pretensos defensores para entender quais são os ideais da civilização dos conquistadores. (Isto é, 1989, p.22)

A ameaça feita pela índia Tuíra ao diretor da Eletronorte finaliza todas as certezas de que estes são obstáculos ao desenvolvimento. Ao empunhar um facão perto do pescoço do engenheiro, os índios demonstraram toda sua ira contra a ideia de o homem alterar e transformar a natureza. E se a civilização seria um impulso da vida guiado por Eros (Deus do amor), e uma forma de o homem lutar contra a natureza, a oposição ao desenvolvimento é a própria oposição à civilização (FREUD, 1997). Com isso os inimigos Caiapós tornam-se também inimigos da humanidade.



Dezenove anos depois, a hidrelétrica volta às manchetes. Esquecido após o embate da índia Tuíra e do engenheiro, o projeto acabou engavetado pelo presidente José Sarney (1985-

1990), o último não eleito diretamente no Brasil, e o primeiro depois da ditadura militar (1964-1985).

A proposta de construir barramentos no rio Xingu foi resgatada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que rebatizou a grande hidrelétrica no Xingu, até então Tenotão e Cararô, de Belo Monte, e a integrou ao plano de crescimento intitulado como Avança Brasil. Apesar do nome, houve poucos avanços e a hidrelétrica continuou a ser apenas um plano dos gabinetes de Brasília. Em 2003, o recém eleito presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou que os estudos no rio Xingu deveriam ser retomados. A construção da hidrelétrica tornou-se o principal projeto do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), herdado pela presidente Dilma Rousseff, que tornou a hidrelétrica de Belo Monte o principal projeto de infraestrutura nacional da sua gestão (SEVÁ FILHO, 2005).

Os conflitos entre os planos do governo e os índios voltaram a se agravar em 2008. No mesmo ginásio de Altamira onde Tuíra enfrentou Muniz Lopes em 1989, a falta de diálogo entre o governo e as comunidades indígenas terminou com um desfecho trágico. O engenheiro Sérgio Rezende, também representante do governo, tal qual em 1989, foi atacado por outra índia Caiapó, também empunhando um facão. Ela o puxou para uma roda de índios enfurecidos e o feriu no braço. As cenas de Rezende banhado em sangue ganharam as manchetes de todas as revistas nacionais.



.. “Nunca ninguém do governo foi a alguma aldeia explicar e perguntar o que a gente achava”, diz Irêo Caiapó, cacique da aldeia Kriny, em Redenção, no sul do Pará. “As únicas vezes que ouviram a gente foi quase 20 anos atrás, quando a Tuíra pôs o facão no rosto do homem. Se esse for o jeito de fazer o governo nos ouvir, esse tipo de ação vai se repetir e haverá uma guerra dos índios contra o Brasil.”.. (EPÓCA, 2008)

Apenas em uma das reportagens publicada nas quatro revistas de 2008, (Época, Veja, Carta Capital e Isto é), os índios ganham o direito de voz. Mas mesmo nesse caso, a fala indígena surge como uma confissão de seu erro, um agravante para a condenação midiática de obstáculos ao desenvolvimento. “Aquele que pede perdão na mídia admite publicamente: gerei uma assassina. Por isso, autoriza a todos a desvalorizar sua imagem do Si”. (MININNI, 2008).

O desenvolvimento e as sombras de sentido

Se ao longo da análise das reportagens fica claro que a proposta da hidrelétrica representa um ideal moderno de desenvolvimento - baseado na lógica cartesiana de que o progresso técnico é uma garantia para a civilização e segurança do homem; e que os índios e

ambientalistas protagonizam como inimigos dessa busca, falta ainda a compreensão de como seria exatamente esse ideal de desenvolvimento.

Qual seria o propósito final de construir uma usina hidrelétrica que pode alterar toda a paisagem do rio Xingu, um dos principais rios da Amazônia e colocar em risco a preservação da floresta gerando o aumento do desmatamento na região?

O primeiro ponto importante é o reconhecimento da necessidade da obra. Nesse caso também está explícito que a hidrelétrica é um importante elemento para a manutenção do Estado, seus aparelhos de mercado e consumo. (ALTHUSSER, 1996).

Mais energia elétrica é um ingrediente fundamental para o crescimento econômico do Brasil, o principal desafio do país para os próximos anos. E o potencial para a produção de eletricidade nas próximas décadas está na Amazônia. Estudos da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), órgão responsável pelas políticas do Ministério de Minas e Energia, mostram que mais de 90% das grandes hidrelétricas planejadas para os próximos 30 anos estão em rios do Norte do país e que 65% do potencial hidrelétrico nacional ainda disponível está na região. Até 2011, o governo federal pretende abrir a licitação de mais de seis hidrelétricas na Amazônia. Estão previstas obras nos rios Tapajós, Teles Pires e Tocantins. Juntas, essas usinas devem gerar o equivalente a duas Itaipus. “Não há como desistir das hidrelétricas na Amazônia. Se fizermos isso, o país vai ter de mudar sua matriz energética”, diz Mauricio Tolmasquim, presidente da EPE. Hoje, 83,7% da energia brasileira é produzida nos rios. Isso garante ao Brasil uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Praticamente não dependemos das termelétricas, que queimam combustíveis fósseis, poluentes e são responsáveis pelo aquecimento global. “As pessoas criticam as hidrelétricas, mas até agora ninguém apontou um caminho tão eficiente e limpo”, diz Tolmasquim. (Epoca, 2008).

A mídia funcionaria como uma propulsor dessa engrenagem de mercado. Ela inclui até os seus oponentes, os índios, como peças da mesma engrenagem.

Essa lógica de manutenção da ordem social e do mercado, presente no discurso da mídia, engloba também os índios. Estes, desde 1989, são descritos não só como inimigos, mas também como agentes duplos, que pertencem não só ao mundo fora da modernidade, como também estariam inseridos nessa lógica de mercado.

A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados, e de fato, reduziu a humanidade inteira, como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva. Conforme o aspecto determinante em cada caso, a ideologia dá ênfase ao planejamento ou ao acaso, à técnica ou à vida, à civilização ou à natureza. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

“A uma década do século XXI, o ingresso dos nativos no dia-a-dia do mundo moderno tem sido, e sempre será, traumático. Uma trauma que se reflete no desembarque de Paulinho Paiakan em Altamira a bordo de um avião, ou nos radiogravadores que dezenas de índios ostentavam...Mas se o progresso tecnológico é inevitável, além da ecologia, também o é a passagem do índio para esta época dos aviões e dos radiogravadores”. (Da Redação, Revista *Veja: O aviso dos Caiapós*. São Paulo, 01/03/1989, p.59-62)

No primeiro momento após os embates de 1989 e 2008, as reportagens deixaram de focar no conflito com os índios, e passaram a argumentar sobre as justificativas para a continuidade do projeto. Porém, na maioria dos casos os argumentos são econômicos, e não há sequer uma menção clara sobre o conceito de desenvolvimento descrito como justificativa para a obra.

A imensidão da hidrografia brasileira tem sido descrita desde o descobrimento. Por volta de 1500, o navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón batizou o Rio Amazonas de Mar Doce. Não há no planeta mananciais semelhantes. É graças aos seus rios que o país abastece três quartos de seu consumo de eletricidade. Mas, ao contrário de países como a França, que já construiu todas as suas hidrelétricas, o Brasil utiliza, atualmente, apenas 28% da capacidade de gerar energia de seus rios. A região menos explorada é a Norte, devido aos custos de investir ali. Pois hoje são os rios da Amazônia os mais promissores para comportar grandes usinas e atender às necessidades energéticas futuras do país, utilizando uma fonte menos poluente e mais barata do que opções como termelétricas. Daí a importância de retirar do papel a Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, um projeto de mais de trinta anos. Deve ser saudada, portanto, a notícia de que o governo conseguiu fazer, na semana passada, o leilão que selecionou o consórcio que vai construir e administrar a usina, apesar da gritaria (em boa medida, sem nenhuma base) dos ambientalistas de ocasião. (VEJA, 28/04/2010)

A Amazônia, dona de uma bacia hidrográfica com cerca de 60% do potencial hidrelétrico do país, tem a chance de emergir como uma região próspera, capaz de conciliar desenvolvimento, conservação e diversidade sociocultural. O progresso está diretamente ligado ao papel que a região exercerá em duas áreas estratégicas para o planeta: clima e energia.... Para isso, basta que o Brasil seja capaz de colocar em prática uma ampla e

bem-sucedida política socioambiental, a exemplo do que faz a indústria cosmética nacional, que seduziu o mundo com a biodiversidade brasileira. É marketing e é conservacionismo também. (CARTA CAPITAL, 7/11/2011)

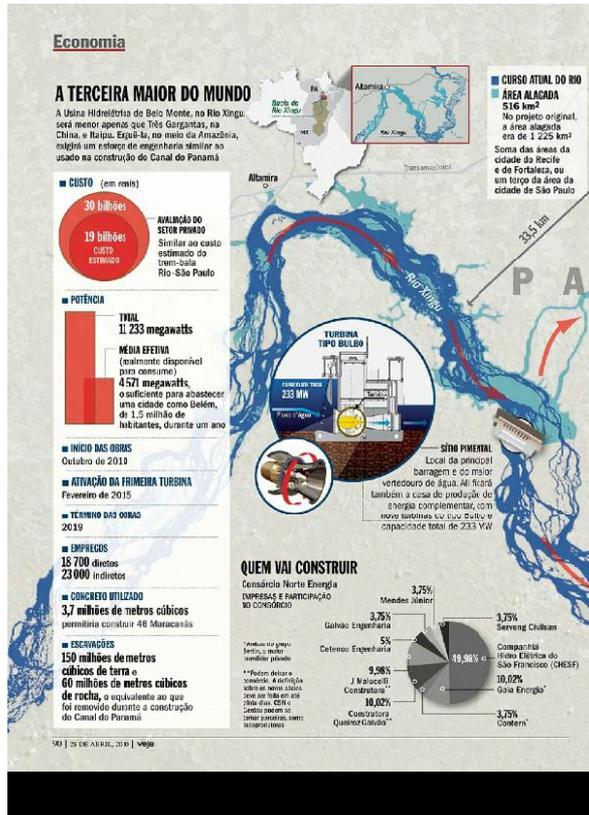
Além dos constantes argumentos econômicos, outro elemento gera ruído na compreensão sobre o que as reportagens de revista propõe como desenvolvimento. Inexistem nessas narrativas exemplos passados sobre como o sucesso desse ideal na história da Amazônia.

As matérias acabam seguindo uma lógica similar em todas as publicações. Após uma enxurrada de informações desconexas, como as que falam sobre a produção de cosméticos de produtos da florestas, ocorrer a inserção dos chamados infográficos. Momento comum na cobertura de todas as revistas e quando a hidrelétrica e o seu desenvolvimento passam a ser explicados por uma série de desenhos gráficos de difícil compreensão e legendas com muitas informações técnicas.

Ao ver as imagens, a primeira sensação é que o saber técnico novamente se sobrepõe a qualquer outro argumento, ainda sob uma lógica cientificista de compreensão do mundo. As perguntas cada vez mais frequentes sobre por que construir tal hidrelétrica e que vantagem ela trará para a população local, que terá seu ambiente alterado, segue com respostas dispersas, diluídas em um linguajar inacessível para a maioria dos leitores.

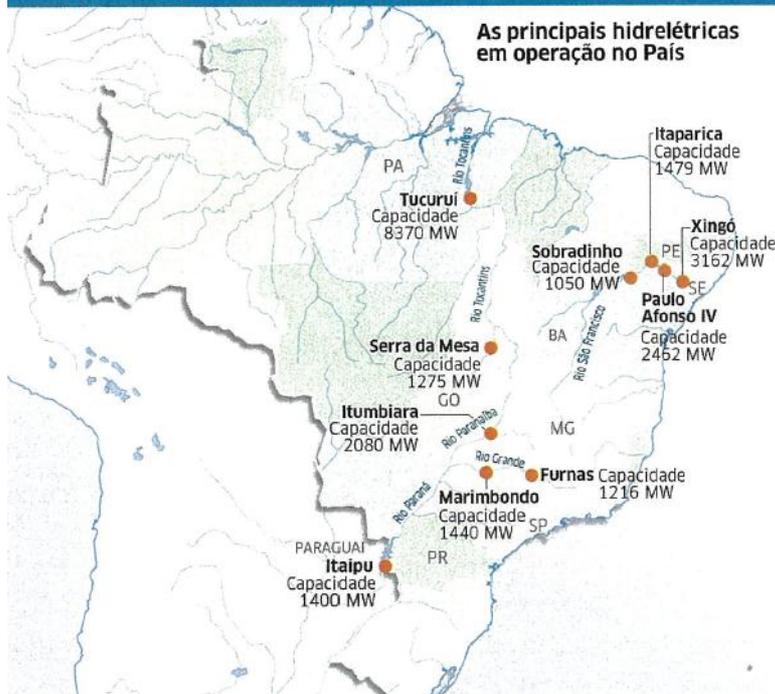
Os problemas existenciais foram assim reduzidos ao que deles pudesse ser dito cientificamente, o que implicou uma dramática reconversão conceptual e analítica. Assim se criou o que, na esteira de Ortega y Gasset (1987: 39), designo como pensamento ortopédico: o constrangimento e o empobrecimento causado pela redução dos problemas a marcos analíticos e conceptuais que lhes são estranhos....Com isto, o pensamento ortopédico prolongou-se para além da ciência e, com a crescente institucionalização e profissionalização destas disciplinas, os problemas por elas tratados passaram a ser exclusivamente os problemas por elas enunciados. Em suma, respostas académicas para problemas académicos cada vez mais distantes e redutores dos problemas existenciais que estavam na sua origem, cada vez mais irrelevantes para dar conta deles. Este vasto processo de monopolização epistemológica não ocorreu sem contradições. O sinal destas está precisamente na discrepância entre perguntas fortes e respostas fracas que caracteriza o nosso tempo. (SANTOS, 2008, p.11-43)

Revista Veja, 2010.



Carta Capital, 2010

O mapa da luz



O uso dos infográficos levanta uma hipótese sobre o conceito de desenvolvimento contido nas reportagens de Belo Monte. Ao se mostrar como um conceito cada vez mais destituído de sentido, embalado por uma promessa econômica que não parece refletida na vida dos moradores da região ao longo das matérias, esse desenvolvimento mostra-se cada vez mais como um simulacro desse ideal, uma projeção de uma situação que pode nunca ocorrer de fato. Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade”. (BAUDRILLARD, 1991).

2. Conclusão

Se dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Se as reportagens sobre a usina hidrelétrica apresentam um conceito de desenvolvimento inexistente de explicação, ou exemplos, então podemos afirmar que ao longo dessas narrativas o desenvolvimento não seria uma realidade, e sim um simulacro - um conceito construído em seus discursos narrativos que apontam para um ideal de crescimento para a região que na verdade não se comprova por exemplos reais.

Uma ideia tão bem construída nas narrativas das reportagens que, ao ser questionada pelos próprios moradores da Amazônia – representados por índios e comunidades da cidades –, acaba como uma afronta ao próprio ideal de civilização do homem.

É inútil interrogarmos-nos se é a perda da comunicação que induz essa sobrevalorização no simulacro ou se é o simulacro que está primeiro, com fins dissuasivos, os que de curto-circuitar antecipadamente toda a possibilidade do comunicação (precessão do modelo que põe fim ao real). É inútil interrogarmos-nos sobre qual é o primeiro termo, não há, é um processo circular – o da simulação, o do hiper-real. Hiper-realidade da comunicação e do sentido. Mais real que o real, é assim que se anula o real”. (BAUDRILLARD, 1991).

Ou a informação produz sentidos ou ela turva os mesmos. Nesse caso, o uso do simulacro de um ideal de desenvolvimento gera outro efeito negativo: encobre as narrativas mais significativas contidas nas entrelinhas das reportagens.

Como os trechos sobre desenvolvimento, que, ao chegarem às narrativas dos personagens locais, contradiz todo o discurso técnico científico, econômico e de mercado anterior.

Com os migrantes, avalia dona Nilce, costuma chegar tanto gente boa quanto ruim. “A violência aumentou e nossa geração não teve para onde se mexer com a inundação do vilarejo”, reclama. “Muita gente partiu dessa para outro mundo sem ver a cor da indenização e esse compromisso pode ser evitado agora se os compromissos forem honrados” (Carta Capital, 2010).

Existem dinastias especializadas em seguir as grandes obras. Como a do barrageiro Divino Junior, de 31 anos. Ele tem 16 anos de experiência em carteira na construção de hidrelétricas. Diz que seu pai sempre trabalhou construindo usinas e passou o ofício para oito dos dez filhos, inclusive as mulheres. (...) Das 11 barragens que já ajudou a erguer, guarda as lições do submundo das usinas. “Dentro dos alojamentos, você tem de ver e fingir que é cego. Ouvir e fingir que é surdo”, diz. Junior conta que em Jirau, divisa com a Bolívia, toda semana um ou outro trabalhador vai até o país vizinho para comprar ilegalmente a “ponta 40”, uma pistola de uso militar. Muitos dos contratados pelas empreiteiras são ex-presidiários. É um incentivo à reinserção na sociedade. Porém, parte deles acaba em atividades ilícitas, principalmente no tráfico de drogas. “Eu era chefe de um ex-presidiário que traficava na obra. Quando quis demitir, ele me ameaçou de morte”, afirma. “Só nas hidrelétricas de Rondônia vi morrer uns 30” (Época, 2011).

Referências

- ADORNO, Theodoro. E HORKHEIMER, Max. “Dialética do esclarecimento”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.
- ALTHUSSER, Louis. “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado”. In Um mapa da Ideologia, Szizek cong. Rio de Janeiro: Contra ponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacro e Simulação. Lisboa, Relógio d’Água, 1991.
- FREUD, Sigmund. “O Mal-estar na civilização”. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.
- LIPOVETSKY, G. “A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo” (1983). Trad. T. M. Deutsch. Barueri: Manole, 2005.
- MEDINA, Cremilda, Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008
- MININNI, Giuseppe. Psicologia cultura da mídia. São Paulo, Edições SESC/SP e a Girafa, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência. São. Paulo: Cortez, 2000.1
- _____. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 11-43.
- SEVÁ FILHO, Oswaldo. Tenotão-Mõ. São Paulo: International Rivers Network. 2005

Reportagens

- ALVES, Kátia. Carta Capital: Antropóloga diz que índios de Altamira agrediram engenheiro para defender suas Terras”. São Paulo. 26/05/2008. P.33-34
- “
- BETTI, Renata; MED”EIROS, de Júlia; TSUBDI, Larissa; VARGAS, André. Veja: Como fazer e como não fazer. 28/04/2010. P. 89-92)
- “
- Da Redação. Revista Veja: “O aviso dos Caiapós. São Paulo, p.59-62. 01/03/1989
- Da Redação. Revista Isto é Senhor: “Índios somos todos nós. São Paulo”, p. 22, 01/03/1989
- Da Redação. Revista Carta Capital: “Diálogos Capitais: uma riqueza insubstituível”. 28 de abril de 2010. P. 46-53
- ARINI, Juliana; SANCHES, Mariana. Revista Época: Uma guerra equivocada. 25/05 2008, p.60-63.

8^o interprogramas
de **mestrado**
FACULDADE CÁSPER LÍBERO

COSTA, Octávio; CAMARGO, Cláudio; SGARBI, Luciana; PELLEGRIN, Luís. Revista Isto é: Amazônia a soberania está em xeque, Muita terra para pouco índio. 28/05/2008. P.7-16.

RIBEIRO, Aline. Revista Época: “Os nômades de Belo Monte”. 08072011. P. 84-92